

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Djainy da Silva Gomes.

Thaíssa Marjorie da Silva Ribeiro.

Francisco Wagner de Sousa Paula.

Centro Universitário Maurício de Nassau

djainy.silva.gomes08@gmail.com

Área Temática: Psicologia social e comunitária

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Introdução: A mídia exerce papel central na construção social, influenciando a percepção sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e reproduzindo estereótipos. A cobertura midiática limitada afeta a percepção pública, o bem-estar das pessoas autistas e o debate sobre políticas inclusivas. **Objetivo:** Compreender a contribuição da mídia para a construção de estereótipos sobre pessoas com TEA e os impactos dessas representações na percepção social e no processo de inclusão de autistas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em setembro de 2025, nas bases de dados Google Acadêmico, LILACS, SciELO e PubMed, contemplando publicações em português e inglês, no período de 2019 a 2025. Foram usados os descritores: “Transtorno do Espectro Autista”, “Mídia Digital” e “Representação Social”. **Resultados:** Os resultados evidenciam que o autismo é uma condição do neurodesenvolvimento com múltiplas manifestações, porém frequentemente simplificada ou distorcida pela mídia. Tais representações equivocadas dificultam a inclusão e reforçam preconceitos. Nessa perspectiva, as mídias sociais, embora ampliem a circulação de informações, também favorecem a disseminação de *fake news*, contribuindo para a manutenção de estereótipos sobre pessoas com TEA. Dessa forma, a mídia exerce um papel ambíguo na percepção social sobre essa população: ao mesmo tempo em que difunde informações, frequentemente reforça estereótipos e dissemina representações distorcidas. **Considerações finais:** Isso evidencia a necessidade de estratégias educativas e de comunicação que promovam narrativas mais precisas e inclusivas, contribuindo para a valorização, compreensão e integração social de indivíduos autistas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Mídia Digital; Representação Social.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) como uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, associadas a padrões restritos e

repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essas manifestações variam em intensidade e forma, refletindo a heterogeneidade do espectro (OPAS, 2020). Estudos indicam que essa diversidade de manifestações exige uma compreensão ampla, que considere desde casos com maior necessidade de apoio até aqueles em que os indivíduos conseguem desenvolver autonomia em diferentes contextos (Gomes *et al.*, 2024).

Contudo, a forma como o autismo é retratado pela mídia muitas vezes não contempla a diversidade e a complexidade do espectro, privilegiando narrativas simplificadas ou estereotipadas. Pesquisas apontam que tais representações podem reforçar preconceitos, fortalecer barreiras sociais e limitar a compreensão pública sobre as necessidades e potencialidades das pessoas com TEA. Frequentemente, a mídia tende a destacar apenas personagens com habilidades excepcionais ou comportamentos considerados “típicos” do autismo, invisibilizando a pluralidade de experiências e dificuldades enfrentadas por diferentes indivíduos (Mittmann *et al.*, 2023).

Nesse contexto, a mídia se constitui como um dos principais instrumentos de construção social, influenciando a percepção coletiva acerca de diferentes condições de saúde e diversidade humana. No que se refere ao TEA, sua representação frequentemente carrega estereótipos que reforçam visões reducionistas. A romantização de habilidades excepcionais ou a ênfase em limitações são exemplos de narrativas que impactam diretamente a forma como a sociedade percebe o autismo e se relaciona com pessoas dentro do espectro (Wessler, 2025).

Assim, a forma limitada de representação contribui para a construção de estigmas e preconceitos, afetando tanto a percepção da sociedade quanto o bem-estar das pessoas com TEA. Ao reduzir o autismo a estereótipos, a mídia dificulta a compreensão das múltiplas facetas do espectro, influenciando negativamente a inclusão escolar, social e profissional, ao mesmo tempo em que limita o debate sobre políticas públicas, estratégias educativas e práticas comunicacionais que poderiam promover uma abordagem mais abrangente e realista do autismo (Mittmann *et al.*, 2023).

Além disso, a variabilidade do espectro demanda atenção especial das políticas públicas, sobretudo em relação ao acesso ao diagnóstico precoce, aos serviços de saúde especializados e às estratégias educacionais inclusivas. A Organização Mundial da Saúde (2022) estima que aproximadamente uma em cada 100 crianças no mundo está dentro do espectro, evidenciando a relevância do tema como questão de saúde pública. Nesse sentido, compreender o TEA em toda a sua complexidade torna-se essencial não apenas para a promoção de práticas clínicas e educativas eficazes, mas também para o desenvolvimento de políticas

sociais que promovam a inclusão, valorizem a diversidade e reduzam o estigma associado ao autismo.

Portanto, o presente resumo tem como objetivo compreender a contribuição da mídia para a construção de estereótipos sobre pessoas com TEA e os impactos dessas representações na percepção social e no processo de inclusão de indivíduos autistas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, realizada com o objetivo de reunir, analisar e sintetizar produções científicas que abordam a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na mídia e a construção de estereótipos associados.

A pesquisa bibliográfica foi realizada no mês de setembro de 2025, por meio das bases de dados Google Acadêmico, LILACS, SciELO e PubMed, selecionadas por sua relevância na área de saúde, comunicação e ciências sociais. O recorte temporal abrangeu publicações entre 2019 e 2025, nos idiomas português e inglês. Foram utilizados descritores do DeCS/MeSH, combinados por operadores booleanos AND e OR, incluindo termos como “Transtorno do Espectro Autista”, “Mídia Digital” e “Representação Social”.

Os dados extraídos contemplaram tipo de mídia, população estudada e abordagem sobre estereótipos, permitindo uma análise crítica e integrativa das representações midiáticas do TEA. Os critérios de exclusão compreenderam estudos duplicados entre as bases, artigos de opinião, editoriais, anais de eventos científicos e publicações que não abordassem diretamente a relação entre mídia e autismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca e a aplicação dos critérios de inclusão, foram selecionados 9 artigos, analisados na íntegra. As mídias sociais consolidaram-se como importantes ferramentas de disseminação de informações, permitindo ampla produção de conteúdo por usuários comuns. Esse fenômeno ampliou a circulação de notícias, mas também favoreceu a propagação de conteúdos deturpados, muitas vezes sem respaldo científico, comprometendo a credibilidade do jornalismo especializado.

Nesse contexto, observa-se que a manipulação de informações interfere diretamente na compreensão social sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), contribuindo para a formação de estereótipos e preconceitos, uma vez que a noção de veracidade se dilui diante do excesso de desinformação (Grossi et al., 2021).

Do ponto de vista científico, evidências indicam que o autismo envolve principalmente fatores genéticos, embora influências ambientais também possam desempenhar algum papel no desenvolvimento dessa condição. Estimativas atuais sugerem que aproximadamente 90% da contribuição seja genética, enquanto fatores ambientais representariam cerca de 10% (Sonsin, 2019). Apesar disso, a mídia e os espaços digitais, ao simplificarem ou distorcerem tais dados, frequentemente reforçam explicações reducionistas ou incorretas, fortalecendo visões equivocadas sobre a origem e a natureza do TEA.

É fundamental destacar que o Transtorno do Espectro Autista não deve ser compreendido como uma doença, mas sim como uma condição neurodesenvolvimental que afeta a forma como os indivíduos percebem o mundo, interagem socialmente e processam informações. Essa compreensão contribui para o rompimento de estigmas e preconceitos, contrapondo-se às narrativas falsas que circulam nas redes, como aquelas que associam o TEA a patologias contagiosas ou a práticas inadequadas de cuidado (Bandeira, 2021).

Dessa forma, a comunicação científica responsável é essencial para esclarecer que o espectro autista integra uma diversidade de manifestações humanas e não deve ser avaliado sob a ótica dicotômica de “normalidade” versus “anormalidade”.

Diante da recorrência de *fake news* e da facilidade com que tais conteúdos alcançam milhões de pessoas, torna-se cada vez mais necessária a adoção de mecanismos de verificação que assegurem a qualidade das informações divulgadas. A presença de plataformas e políticas que identifiquem, sinalizem e bloqueiem fontes não verídicas constitui um passo essencial para reduzir a disseminação de estereótipos e preconceitos sobre o autismo. Nesse sentido, a promoção de conteúdos confiáveis e baseados em evidências pode contribuir para uma sociedade mais consciente e inclusiva, minimizando os impactos da desinformação (Laboro, 2021).

Dessa forma, a promoção de comunicação científica responsável, baseada em evidências, e a implementação de mecanismos de verificação de informações nas plataformas digitais são estratégias fundamentais para reduzir os impactos da desinformação. Além disso, o estímulo a políticas públicas e práticas educativas inclusivas contribui para a valorização da diversidade e para o enfrentamento de estigmas, ampliando a conscientização social sobre as múltiplas facetas do espectro autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados desta revisão evidenciam que a mídia, especialmente as mídias sociais, exerce um papel ambíguo na percepção social sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora amplie o acesso a informações, a circulação de conteúdos deturpados ou simplificados reforça estereótipos, preconceitos e visões reducionistas sobre a condição, interferindo na forma como a sociedade compreende o espectro autista.

O estudo também demonstra que as redes sociais, ao ampliar a visibilidade do tema, funcionam como espaços de disseminação rápida de informações, mas intensificam a circulação de *fake news* e conteúdos deturpados. Dessa forma, destaca-se a importância da divulgação de conteúdos confiáveis, baseados em evidências científicas, e da adoção de mecanismos eficazes de checagem de fatos, contribuindo para uma percepção mais precisa e inclusiva sobre o espectro autista.

Por fim, ressalta-se a necessidade de políticas públicas de comunicação que promovam o acesso a informações científicas claras e acessíveis. A difusão de conhecimento de qualidade contribui para a redução de estereótipos, fortalece a inclusão social e favorece uma sociedade mais informada, acolhedora e consciente em relação ao autismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. *Ministério da Saúde*, Brasília, 2 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 24 set. 2025.

BANDEIRA, Gabriela. Autismo é doença?. Genial Care. 2021. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/autismo-e-doenca/>. Acesso em: 25 set. 2025.

GOMES, I. M.; BASTOS, W. L.; GOMES, V. L. Transtorno do Espectro Autista e os desafios da inclusão no mercado de trabalho. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, v. 2, n. 12 (Edição Especial), 2023. Publicado em 24 jan. 2024. DOI: 10.55028/gepfp.v2i12.20088. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/20088>. Acesso em: 24 set. 2025.

GROSSI, M. G. R.; LEAL, D. C. C. C.; SILVA, M. F. DA. Educação midiática, cultura digital e as fake news em tempos de pandemia. *Educação em Revista*, v. 22, n. esp2, p. 179–198, 22 dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12130>. Acesso em: 25 set. 2025.

LABORO V. 2, R. C. D. R. D. C. 2021-FACULDADE. REVISTA CIENTÍFICA DE REDES DE COMPUTADORES EDITORA. [s.l.: s.n.]. Disponível em:

<https://repositorio.laboro.edu.br/wp-content/uploads/tainacan-items/845/891/Revista-Cientifica-Redes-de-Computadores-vol-2.pdf#page=6> . Acesso em: 25 set. 2025.

MITTMANN, G.; SCHRANK, B.; STEINER-HOFAUER, V.. *Portrayal of autism in mainstream media – a scoping review about representation, stigmatisation and effects on consumers in non-fiction and fiction media. Current Psychology*, [S.l.], v. 43, p. 8008–8017, 2024. DOI: 10.1007/s12144-023-04959-6. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s12144-023-04959-6>. Acesso em: 24 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Transtorno do espectro autista. *OPAS/OMS*, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 24 set. 2025.

SONSIN, J. Vacina causa autismo? É fake news!. Telavita. 2019. Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/vacina-causa-autismo/> . Acesso em: 25 set. 2025.

WESSLER, L. B. *et al.* Representação do autismo na mídia: revisão integrativa sobre autenticidade e percepção pública. *Revista Inova Saúde*, Criciúma, v. 15, n. 3, p. 132-xxx, fev. 2025. DOI: 10.18616/inova.v15i3.9116. Disponível em:

<https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/Inovasaude/article/view/9116>. Acesso em: 24 set. 2025.